



Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Geral, Engenheiro
João Vasco Ribeiro;

Excelentíssimos membros do Conselho Geral,

Excelentíssimos Senhores Vice-Presidentes,

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente do Conselho Técnico-
Científico, em representação da Senhora Presidente, que se
encontra em representação da Escola numa actividade da OMS, na
qualidade de Directora do Centro Colaborador da OMS, para a
Prática Clínica e Investigação, da Escola;

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho Pedagógico,

Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho para a Qualidade
e Avaliação,

Excelentíssimo Senhor Provedor do Estudante,

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da Associação de
Estudantes, em representação da Senhora Presidente, estudante
Eduardo Ramos

Estimados/as Professores/as,

Estimados colaboradores Não Docentes,

Excelentíssimos Convidados,

Estimados estudantes,

(Senhores Jornalistas),

Hoje, como manda a tradição celebramos a abertura de mais um ano letivo, é com muito gosto que renovo as boas vindas a todas/os - estudantes, professores, colaboradores não-docentes e membros de Órgãos da Escola - e que renovo os votos de que este ano venha a ser um bom ano quer a nível pessoal, quer a nível académico e/ou profissional.

Na Abertura Solene da Aulas, comemoramos a esperança no futuro, que se renova a cada ano, com a chegada dos novos estudantes, que trazem consigo a promessa, de com o seu enorme potencial para aprender, criar e transformar, podermos continuar a alimentar o desenvolvimento e crescimento, desta instituição de ensino superior, da qualidade da Formação que oferecemos e do conhecimento que produzimos e desta forma continuarmos a contribuir para melhorar a Enfermagem e a Saúde no Mundo.

A Escola está consciente dos desafios que hoje se colocam em Saúde no Mundo e, por isso também aos profissionais de saúde, particularmente aos enfermeiros e, por isso, tem desenvolvido um trabalho sistemático quer para garantir a qualidade dos cursos que oferece, quer para os tornar adequados às exigências das cada vez maiores necessidades em cuidados de saúde resultantes das transformações sociais, políticas, económicas, demográficas e epidemiológicas, e das combinações multidimensionais destes domínios da vida.

O Mundoⁱ hoje caracteriza-se por um clima geral de complexidade, imprevisibilidade e mudança e, por isso, os enfermeiros que formamos têm que estar preparados para actuar em contextos e situações com estas características.

Hoje, podemos afirmar sem risco, que cada vez mais no futuro próximo, a vida dos povos e das pessoas é, e vai continuar a ser, influenciada por

múltiplos factores, pelas suas interações e multidependências, com impacto, ainda não totalmente conhecido, na saúde, tais como:

- As tensões geradas pelos fenómenos de globalização/ mundialização (Derrida, 2003) - (o mundo está mais pequeno, as decisões tomadas quer por nações específicas quer por organismos internacionais têm impacto global, de que rapidamente é conhecido o que se passa em qualquer parte do globo);
- O reforço das identidades territoriais (Morin, 2003);
- A cada vez maior circulação de pessoas e bens (facilitada entre países e continentes, havendo uma consciência coletiva das repercussões sistémicas das mudanças locais e de que não é possível viver-se isolado);
- No sentido inverso, o recrudescimento da defesa de interesses localizados, seja pelo reforço das diferenças culturais seja pela defesa de bens considerados essenciais para a sobrevivência, como o direito à água ou ao emprego (Global Trends, 2030: Alternative Worlds; El Camino Hacia la Dignidad para 2030: acabar Com la Pobreza Y Transformar Vidas Protegiendo el Planeta, 2014).
- O impacto das transformações ocorridas em qualquer segmento das sociedades (que graças ao desenvolvimento tecnológico e às ligações comunicacionais) tendem a reflectir-se globalmente num espaço mais curto de tempo implicando esforços de ajustamento mais exigentes e por vezes disfuncionais;
- As mudanças climáticas, o esgotamento dos recursos naturais, os conflitos económicos, o crime organizado transfronteiriço e as guerras eletrónicas vêm a somar-se aos conflitos militares que tendem a adquirir novas formas de expressão, como o terrorismo organizado em nome de nações;

- Em consequência, a procura de melhores condições de vida que promove grandes fluxos de mobilidade de pessoas, fugindo da pobreza, da guerra e de condições indignas de vida (OMS, El Camino Hacia la Dignidad para 2030: acabar Com la Pobreza Y Transformar Vidas Protegiendo el Planeta, 2014);

- A persistência de desigualdades na saúde dentro e entre países (nos países mais pobres aparecem novos riscos infecciosos, ambientais e comportamentais que ameaçam a segurança em saúde de todos e exigem profissionais de saúde capazes de promover a colaboração multisectorial para modificar alguns determinantes sociais, como a falta de acesso a água potável e saneamento básico, mas também de trabalharem em equipas multiprofissionais capazes de prevenção, vigilância, contenção e controlo destas novas ameaças. Nos países mais ricos, as doenças não transmissíveis - com particular relevância para as doenças crónicas e problemas de saúde mental - geram outras necessidades em cuidados de saúde e particularmente nas transições de casa para o hospital, deste para os centros de cuidados continuados de convalescença e reabilitação, e de volta para casa;

No cenário nacional

- As alterações demográficas, nomeadamente o envelhecimento e as alterações da composição das famílias, o aumento das doenças crónicas e o aumento dos custos com a saúde, as alterações no mundo do trabalho com maior precarização e relações de trabalho mais efémeras e autónomas, o agravamento das desigualdades sociais e da iniquidade no acesso aos cuidados de saúde, a reconfiguração dos sistemas de saúde e novos contextos de prestação de cuidados.

- Se nada contrariar a tendência actual, o envelhecimento da população e os fluxos migratórios do interior para o litoral levarão, possivelmente, ao

aumento das necessidades em cuidados a idosos e em cuidados paliativos; haverá muitas mais instituições públicas e privadas especializadas no acolhimento de idosos e em cuidados a idosos ou, pessoas dependentes para a satisfação das necessidades de autocuidado e de vida diária, a viverem sozinhos (tudo isto, como se disse, num cenário em que o mais provável é que o Estado de protecção social não seja mais o que conhecemos hoje (Barreto, 2012).

- A situação económica, que se prevê recuperar lentamente, levará à continuidade dos fluxos migratórios. A saída em massa de jovens para o estrangeiro a que assistimos atualmente - e tudo leva a crer se manterá nos próximos anos - homens e mulheres, em plena idade de procriar, altamente qualificados e profissionalmente ativos, não pode deixar de vir a ter um impacto expressivo quer na demografia portuguesa das próximas décadas, quer no número de profissionais de saúde, entre eles enfermeiros com que poderemos contar. Tanto mais que esta fuga não é compensada por fluxos de entrada equivalentes – nem em quantidade, nem em qualidade (Barreto, 2012). Assim, é possível que venhamos a ter menos enfermeiros, enfermeiros mais velhos, menos jovens a frequentar cursos de enfermagem e tenhamos que encontrar novos públicos para a formação e novas formas de organização dos cuidados.

- O crescimento exponencial das taxas de desemprego e dos empregos precários, das novas formas de pobreza, do desmembramento do Estado Social ou do próprio projeto europeu, que é possível que se continue a verificar e ou venha a acontecer;

- Os sujeitos de cuidados, serão também *outras* pessoas: mais informadas, mas não necessariamente com maior literacia em saúde, mais vulneráveis, mais dependentes para o autocuidado de si e dos familiares dependentes (quer sejam crianças ou idosos), mais sozinhas, mais conscientes dos seus

direitos, mais capazes de participar na decisão sobre a sua saúde e sobre os cuidados, mas também mais exigentes.

Todos estes factores afectarão potencialmente a saúde das pessoas e as respostas em saúde e portanto têm que ser tidos em conta nos processos de formação de novos enfermeiros e de enfermeiros especialistas e mestres.

Os profissionais terão, novas e renovadas obrigações e responsabilidades que impõem o desenvolvimento de competências transversais que lhes permitam diagnosticar, compreender e resolver problemas complexos, muito para além de realizar tarefas meramente técnicas, competências tais como juízo clínico, trabalhar em equipa, comunicação culturalmente sensível, comportamento ético, análise crítica, decidir na incerteza, mobilizar conhecimento científico, antecipar e planear o futuro e, o mais importante, liderança de sistemas de saúde eficazes. Cada profissão, em saúde, continuará a ter características e competências próprias, que podem ser consideradas como o núcleo da sua identidade profissional, mas existirá um imperativo para reunir em complementaridade essas competências em equipas, para um trabalho de saúde inter e transdisciplinares, tendencialmente centrado nas pessoas, oferecendo com equidade cuidados personalizados e inclusivos (Lancet Commissions, 2010).

Consciente destas transformações a Escola está a desenvolver um processo de auto-avaliação de toda a sua oferta formativa, liderado pelo Conselho Técnico-científico e a proceder a uma reforma de todos os curricula, tendo como Horizonte os próximos 20 anos. O processo, que se prevê concluído até 2017, envolve Professores, Estudantes e Parceiros Nacionais e Internacionais, da Escola.

Neste dia em que comemoramos mais um (re) início da vida académica, faz-nos sentido agradecer reconhecidamente o trabalho de todos e apelar à

continuação do envolvimento empenhado, particularmente dos estudantes no processo contínuo de construção da qualidade da Escola que somos.

Com todas e todos, estamos certas que continuaremos a caminhar para ser uma Escola *Universitária* centrada na aprendizagem, onde se formam Pessoas para a Liberdade e para o Pensamento Complexo (Nóvoa, Educação 2021; Morin, 2004; AACN, 2008; The Lancet Commissions, 2010).

Continuaremos a construir **uma Escola** que na sua natureza e organização seja uma *universitas magistrorum et scholarium*, comunidade, de mestres e estudantes, em que se aprende em conjunto, em liberdade, num contexto em que se cruzam saberes disciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares e, onde se realiza a aprendizagem da e na complexidade.

Uma Escola que **forma pessoas** para virem a agir como profissionais, capazes de levantar questões a respeito de tudo, a respeito de todo e qualquer poder, a respeito do próprio valor de verdade, de cidadania, de humanidade, de democracia, de mundialização; a respeito dos pressupostos, das normas e da axiomática que sustenta em cada momento as concepções sobre a pessoa e a humanidade, a história, a sua história e a história do outro de quem cuida, as transformações da sociedade e da e na saúde, (Derrida, 2003), capaz de construir sentido de si, nas e para as aprendizagens.

Uma Escola que forma pessoas para lidar com a complexidade, a incerteza, a diversidade e a mudança, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, para agir a um nível prático em que “a ciência é informada por valores”.

Uma Escola em que se formam pessoas que revelam capacidade de aceder e de utilizar os conhecimentos científicos de enfermagem e

transdisciplinares construindo a partir deles o agir profissional. Pessoas que revelam a capacidade para a utilização de múltiplos saberes e para a participação activa na sua produção. Que são capazes de religar o saber científico, o saber, saber ser, e o saber fazer para com eles saber transformar e transformar-se.

Uma Escola onde se formam pessoas que revelam capacidades metodológicas de pensar na acção, tendo em conta a multidimensionalidade de factores intervenientes nela ao conceberem projectos de cuidados e de pensar sobre a acção conceptualizando-a e produzindo saberes a partir dela.

Uma Escola que forma pessoas para o exercício da autonomia, para a utilização do pensamento crítico e criativo, para a análise, compreensão e resolução de problemas. Para a definição de objectivos e prioridades, para planear e gerir tempos e recursos, para a avaliação das acções realizadas.

Uma Escola que forma pessoas com espírito de iniciativa, com capacidade para a realização precisa e perfeita do trabalho, para tomar decisões, para o exercício de liderança e da criatividade. Onde se formam pessoas que revelam uma atitude positiva face à mudança e à necessidade de aprendizagem ao longo da vida, capazes do exercício e respeito pela liberdade e democracia, para o encontro de culturas e a universalidade de comportamentos, no âmbito do exercício profissional.

Uma Escola que forma pessoas autoconfiantes, com autoestima, capacidade de comunicar e de relação interpessoal. Capazes de assumir as responsabilidades individuais e de as executar em parceria com outros, quer sejam colegas, enfermeiros, utentes ou outros profissionais de saúde das equipas com quem de futuro vierem a trabalhar.

Uma Escola onde acontece uma **aprendizagem transformadora** onde ocorre aprendizagem formativa e a aprendizagem transformadora (que

socializa para valores e desenvolve capacidades de liderança tornando cada novo profissional num agente de mudança com visão).

A aprendizagem transformadora envolve três mudanças fundamentais, que todos, estudantes e professores temos que perseguir sistematicamente: passar das preocupações com a memorização para centrarmos os nossos esforços no desenvolvimento de competências para pesquisa, a análise e a síntese das informações e na aprendizagem da tomada de decisão; descentrarmo-nos da preocupação em formar para a qualificação, focando-nos mais na formação para a aquisição de competências essenciais para o trabalho em equipa eficaz; Pensar criticamente a adopção dos modelos educacionais, adaptando criativamente os recursos globais para atender às prioridades locais (Freire, 1977; Mezirow, 1990).

Uma Escola em que a aprendizagem é facilitada por um currículo orientado para competências, envolvendo a comunidade e o estudante, com cada vez maior transferência da responsabilidade do professor para o estudante e com inclusão cada vez maior do sentido da responsabilidade social e da promoção da igualdade de género em todos os domínios da acção. Em que o processo de aprendizagem seja cada vez mais individualizado e permita ao estudante gerir o (s) seu (s) percurso (s), ao invés de ter que seguir um programa de estudos único.

Uma Escola onde a avaliação, particularmente a avaliação formativa, com uma grande variedade de métodos é parte integrante da abordagem baseada em competências, que depende desta para promover o desenvolvimento em espiral das aprendizagens (Fernandes, 2006).

Uma Escola em que se pensem cada vez mais os currícula, como propõe Edgar Morin (2004), numa lógica que faça a rotura com a tradição do pensamento que ordena que se fragmente, se reduza o complexo ao

simples, que se separe o que está ligado, que se unifique o que é múltiplo, que se elimine tudo aquilo que traz desordens ou contradições para nosso entendimento. Em que se rompa definitivamente com a visão determinista, mecanicista, quantitativa, formalista, que ignora, oculta e dissolve tudo o que é subjectivo, afectivo, livre e criador. Manter ainda que apenas remotamente características da visão tradicional, segundo Morin (2004), destrói todas as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando na raiz as possibilidades de um juízo crítico e também as oportunidades de um juízo corrector ou de uma visão a longo prazo.

Precisamos que o novo currículo ajude a aprender a globalizar e contextualizar e não a parcelarizar. Que tenha em conta que o conhecimento progride, principalmente, não por sofisticação, formalização e abstracção, mas pela capacidade de conceituar e globalizar. A formação que fazemos tem que mobilizar não apenas o conhecimento formal disciplinar, mas também continuar a promover uma cultura diversificada e a atitude geral do espírito humano para propor e resolver problemas.

Queremos que a formação que construimos se situe cada vez mais num paradigma de formação que, permita distinguir, separar, opor e, portanto, disjuntar os domínios científicos, mas que, também, possa fazê-los comunicarem-se entre si, sem operar a redução. Um paradigma de complexidade que, ao mesmo tempo disjunte e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem reduzi-los às unidades elementares e às leis gerais (Morin 1982, 1990, 2004). Um paradigma em que os objectos e sujeitos estão ligados uns aos outros no interior de uma organização ou sistema e que entende que as propriedades dos mesmos só emergem graças a uma auto-organização complexa. É preciso religar o que era considerado como separado. Ao mesmo tempo, é preciso aprender a fazer com que as

certezas interajam com a incerteza. O conhecimento é, com efeito, uma navegação que se efectiva num oceano de incerteza salpicado de arquipélagos de certeza (Morin 1982, 1990, 2004).

Queremos continuar a ser uma Escola com uma visão global para a formação, que englobe uma perspectiva integrada da disciplina de enfermagem e multiprofissional, e uma abordagem de sistemas. E, que aponte simultaneamente para uma aprendizagem transformadora e para a interdependência na educação. Este enquadramento global deve otimizar as relações entre os nossos parceiros da área da saúde - a (s) faculdades/escolas da área da saúde e Enfermagem), as instituições do sistema de saúde e da Comunidade.

Queremos ser uma Escola que não perde de vista o poder das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na e para a aprendizagem

As Tecnologias de Informação e Comunicação mudaram a relação entre alunos e professores e também estão a mudar rapidamente as relações entre os profissionais de saúde e as pessoas/famílias/comunidades que cuidam.

A exploração do poder das TIC para aprendizagem é enorme, desde o acesso à informação e a evidências científicas, ao aumento da capacidade de recolha e análise de dados, as possibilidades que trás à simulação de situações clinicas cada vez mais complexas em laboratório, ao ensino a distância, ao potenciar da conectividade entre docentes, estudantes, facilitando a colaboração entre todos, a partilha e gestão do aumento do conhecimento. Temos que continuar a explorar as novas formas de aprendizagem transformadora possibilitada pela revolução da internet, indo além da tarefa tradicional de transmitir informações para um papel mais desafiador quanto ao desenvolvimento das competências para aceder, discriminar, analisar e utilizar o conhecimento. Mais do que nunca, temos o

dever de ajudar os nossos estudantes a aprender a pensar de forma criativa para dominar os grandes fluxos de informação em busca de soluções.

Na verdade, o uso das TIC pode ser o condutor mais importante na aprendizagem transformadora. Um aspecto particularmente promissor da revolução das tecnologias da informação e da comunicação está na possibilidade de utilizar e disponibilizar recursos educativos abertos, usando o potencial da TIC para expandir o acesso global aos materiais didáticos, à informação em saúde e mesmo a cuidados de vigilância e promoção do autocuidados e da gestão da doença a distância. Os nossos estudantes têm que estar cada vez mais preparados para liderar estes processos de transformação.

Importante é também continuarmos a cumprir a nossa missão de explorar e investigar em conjunto o potencial das TIC para melhorar a cobertura Universal de Cuidados de Saúde.

Queremos ser cada vez mais uma Escola que garante aos professores e estudantes as condições de articulação entre clínica, ensino e investigação. Para que possamos desenvolver, num espaço e num tempo, (que é simultaneamente, o tempo da acção, da formação e da produção de conhecimento), de forma sistematicamente articulada, clínica, ensino e investigação. Para que isto seja possível pensamos que é necessário regulamentar esta articulação, tornando os processos de articulação entre instituições de ensino e as instituições de saúde processos formais, ao invés de dependentes de protocolos informais e de boas vontades. Do mesmo modo exige a regulação dos processos de articulação entre os diferentes atores do ensino e da clínica que legitime o trabalho dos docentes nos Centros Hospitalares Universitários, e que, entre outros aspectos, formalize a possibilidade dos docentes de carreira poderem exercer clínica ao mesmo

tempo que investigam e ensinam, em instituições de saúde vocacionadas para o ensino.

Queremos continuar a construir uma Escola que contribua para o reforço das qualificações dos profissionais que forma, ao longo da vida, de forma a garantir o desenvolvimento dos conhecimentos e competências profissionais que permitam dar resposta aos problemas de saúde das pessoas sensíveis aos cuidados de enfermagem, contribuir para o ensino e a produção do conhecimento. **O que passa, em nosso entender, por garantir que todo o percurso de desenvolvimento profissional dos enfermeiros seja legitimado académica e profissionalmente**, que conhecimentos e competências exigíveis para a profissão, nos seus diferentes níveis de desenvolvimento, incluindo o percurso formativo para obtenção do título profissional de especialista, possam ser aprendidas, certificadas e acreditadas simultaneamente **no quadro da obtenção de graus académicos e títulos profissionais.**

Por último gostava de lembrar a todos que a meta é sermos uma Escola que garanta que o ensino da Enfermagem - 1º, 2º e 3º ciclo - acontece de forma articulada, num contexto onde se ensina e investiga, que permita aprender na e pela investigação e que permita a formalização e legitimação, quer dos diplomas académicos nos graus correspondentes, quer do conhecimento produzido. Isto será totalmente conseguido, quando o ensino como um todo (1º, 2º e 3º ciclos) e o desenvolvimento da investigação acontecerem no espaço onde tradicionalmente se formam e certificam academicamente os membros de profissões que são, também elas, disciplinas do conhecimento, o que, na maioria dos países, tal como em Portugal, é no ensino universitário e na Universidade.

Isto não depende já de nós, trata-se de uma decisão política que como todos sabemos tarda a acontecer o que não deixa de ter impacto negativo nas possibilidades que os Enfermeiros têm de acrescentar valor em Saúde.

Apesar do conhecimento em enfermagem, desenvolvido pela comunidade científica de enfermagem internacional, ter uma aplicação universal, cabe aos enfermeiros portugueses, no exercício da sua clínica e academia, um contributo essencial, pois é sabido que as múltiplas experiências de cuidar, culturalmente sensíveis, são enriquecedoras e vetor essencial para uma prática baseada na evidência.

Sabemos que a consolidação da área científica passa pelo desenvolvimento do conhecimento de enfermagem, que acrescente valor aos cuidados, valor esse que possa traduzir-se por benefício social e como tal ser socialmente reconhecido. O espaço na Universidade para a Enfermagem permitirá, não apenas a produção de conhecimento, sobre as respostas das pessoas aos processos e transições de vida e sobre a forma de promover a adequação dessas respostas e a máxima autonomia na realização do autocuidado, que permita associar diagnóstico de enfermagem, intervenções e resultados, mas simultaneamente que se opere a transformação do valor intrínseco do conhecimento em valor de uso reconhecido socialmente.

Esta é a Escola que temos, que queremos e que vamos continuar a construir com todas e todos e em que acolhemos hoje todas e todos os novos estudantes. Sejam BEM VINDOS!

Estou certa que, como habitualmente, as pessoas que fazem parte desta Comunidade Educativa, estudantes, professores colaboradores não-docentes e parceiros da Escola, que têm feito crescer esta Escola, que a formam e transformam quotidianamente, que são responsáveis pelo (s) sucesso (s) que temos vindo a atingir paulatinamente, continuarão todos juntos, a enfrentar os desafios necessários para transformarmos a nossa

Escola não só numa Escola Grande, mas numa Grande Escola que se afirma no espaço do Ensino Superior Nacional e Internacional, como um *“centro de qualidade no Ensino, na Investigação e na Inovação em cuidados de saúde e de Enfermagem, competitiva e acreditada como de excelência junto de agências de referência internacional. Uma Escola que assegurará a identidade do Ensino de Enfermagem, sendo determinante para o mandato social da profissão”* (Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Despacho normativo n.º 20/2006 de 17 de Março de 2006). Uma Escola que, sejam quais forem os ventos de mudança, sejam quais forem as ameaças e/ou constrangimentos externos, manterá as características e os valores que a caracterizam: tais como a cultura de uma organização democrática, qualificante, incentivadora da criatividade, com capacidade de pensar estrategicamente, sustentada na avaliação e prestação de contas e onde desejamos e trabalhamos para que seja sempre vivida e impulsionada uma liberdade académica total.

Acredito que todas e todos continuarão, ao longo do próximo ano a trabalhar com a mesma vontade, saber, inteligência, rigor, persistência, tolerância, dedicação e envolvimento demonstrado ao longo dos últimos anos.

Bom Ano Académico para todas e todos!

ESEnfC, 9 de Outubro de 2015

ⁱ Bento, Maria da Conceição; Mendes, Aida Maria; Fernandes, Ananda Maria; Amaral; António Fernando; Leitão, Maria Neto (2015) - **Formar Enfermeiros para o futuro: Horizonte 2030 – 2050**. Direção Geral da Saúde: Lisboa